



## A César o que é de César...

Desta vez o sr. Ferreira do Amaral está inocente. Trata-se dum ato de alguns jornais tecida em volta do seu nome e do seu cargo, ato de alguma criatura que pretende a vida de um dia sem se manchar no sangue dum povo, roubando vidas a tiros de «Browning». Apraz-nos registrar que o comandante que perifilhou os Olivais não deu nem pretendeu dar agora qualquer ordem que atirasse para a Morgue pessoas que não nasceram para merecer as boas graças da polícia.

E devido a esse facto que nós vamos responder não ao comissário geral da polícia, mas aos que entendem dar-lhe ordens por meio de certa imprensa que supõe que «a alavanca do progresso» deve ter por missão fazer disparar pistolas por pessoas que têm manejado desconfiança e impunemente essas armas mortíferas.

Esses jornais disseram que os grupos de ação das Juventudes Sindicais e Comunistas estavam de novo organizados e preparando, para breve, uma longa série de atentados dinamitistas. Pomes, desde já, as Juventudes Comunistas fora da contenda, visto que elas, dissolvidas já há tempos, por razões que não interessam ao assunto, até à data ainda não se reorganizaram. Caíram, desapareceram — e não voltaram à cena comunista. O mesmo não se dá com as Juventudes Sindicais que estão em plena actividade e preparando um congresso que promete ser uma exuberante ação de força e de consciência. E é em volta desse organismo juvenil que se tecem a cabala da tal longa série de atentados preparados à sombra do seu nome e com a sua chancela.

Torna-se por isso necessário virmos mais uma vez afirmar a estes cegos que teimam na sua cegueira que a juventude sindicalista não é organismo destinado a criar bombistas — mas a formar consciências, educando e elucidando os espíritos daqueles que por culpa do sistema económico da actual sociedade foram arremessados demasiado cedo para as oficinas, sem terem feito a preparação mental que lhes era indispensável...

Ainda há pouco elas inauguraram

em Lisboa aulas de instrução primária, português e francês e não nos consta que as bombas se fabriquem com gramática ou adquirindo conhecimentos da língua que Vitor Hugo e Emílio Zola celebrizaram. A sua sede, nesta cidade, vieram professores, médicos e pedagogos realizar conferências educativas e não nos consta que a medicina e a pedagogia possam ser consideradas como utilidades para a aprendizagem do carregamento de explosivos. Se as Juventudes Sindicais tivessem essa função não convidariam o dr. Carneiro de Moura, mas o sr. António Maria da Silva que é um homem que sabe ensinar, a fundo, como se preparam, conduzem, escondem e se arremessam bombas. Ora nunca ninguém pensou nas Juventudes Sindicais em convocar o ex-chefe da Carbonaria, nem alguns dos actuais membros do Parlamento que bem podiam, dada a sua longa experiência, escrever e publicar um «Manual do Bombista» bastante curioso e esclarecedor.

A função das Juventudes Sindicais consiste em formar consciências. Não são organismos de ação, mas de educação. E já que falamos em ação devemos dizer que a ação directa que não é atributo das Juventudes, não significa ação violenta, nem tão pouco nada tem que ver com atentados pessoais. Ação directa é um princípio que orienta a maneira pela qual as massas operárias devem fazer vingar as suas reivindicações. Ser partidário da ação directa não é ser bombista, mas sim o defender a ideia de que as lutas travadas contra o capitalismo devem ser feitas no terreno em que elas estalam e sem intervenção de intrusos — sejam intrusos simples homens ou encarnem os poderes do Estado. A ação directa só é violenta quando as circunstâncias o impõem — e as circunstâncias são, na maioria das vezes fornecidas pelos ataques iníquos e cobardes dos adversários das classes trabalhadoras. Aceitar o princípio de que um atentado individual é de responsabilidade colectiva equivale a defender o critério de que pelo assassinato do rei Carlos e de seu filho são autores todos os republicanos vivos e mortos — incluindo o ex-chefe da Carbonaria que é actualmente presidente do ministério.

Revelámos aos nossos leitores a existência em Portugal dum autêntico congregação, citámos os colégios que ela possuía e um dos nossos camaradas de redação foi propositalmente a Santarém para tentar a entrada nesses dois anfós de deformação moral e mental de crianças e de adolescentes. Graças a uma dissimulação, que não foi nem complicada, nem indecorosa, a sua missão foi coroada de êxito, como é do domínio dos nossos leitores. A Batalha fez tudo quanto podia para estabelecer uma forte corrente de opinião desfavorável aos crimes autênticos, às torpezas verídicas que revelou. Essa corrente de opinião existe, mas não se tem manifestado, conservando-se apática, por supor que a influência clerical não passasse dum espanhelo erguido por pessoas timoratas ou exageradas. Depois dos factos que a Batalha revelou essa apatia não tem razão para subsistir, havendo da nossa parte o direito de a classificar de címplice com a obra de desmoralização e crime que o clericalismo vem realizando no país. A nossa campanha contribuiu para salvar milhares de pessoas que viviam numa boa fé lamentável proveniente dum ignorância que já não tem razão de ser.

A verdade das nossas revelações impõe-se de tal modo que obriga as Novidades a confessarem a sua impotência, remetendo-se para um silêncio que faz espumar de indignação a malta reaccionária de vários pontos do país e principalmente de Santarém. Nesta cidade, a gente da Congregação de Nossa Senhora do Rosário de Fátima chegou, positivamente, a perder a cabeça, gritando, no meio das suas raivas incontidas, que a Batalha seria processada por difamação — ela e os informadores que a sua fantasia excitada arquitetou. Mas, não bem sabemos que tudo aquilo é poeira lançada aos olhos dos que estão amedrontados pela campanha a fim de lhes sossegar os nervos. As boas almas nada farão porque não podem provar que mentimos — e porque nós não estamos sob as garras da viscondessa de Andaluz, nem a Companhia de Jesus é ainda em Portugal suficientemente forte para nos perseguir, à luz do sol.

A Batalha, ou o sr. Cunha Leal — visto que este é pai... ou filho da Noite — tem razão nas definições, mas apenas meia razão. Ele é, de facto, o orador, o político e o homem de ação: o orador contraditório e inconsequente que com a mesma violência e entusiasmo, a mesma aspereza e brutalidade, diz hoje o que desdiz amanhã; o político venal que prega a guerra aos Bancos, para neles se anichar cômmodamente; que ataca o Norton de Matos para servir o Ultramarino; que milita hoje num partido avançado para filiar-se no dia seguinte, mais conservador; o homem de ação, de ação perniciosa para o país, militando no sionismo no tempo de Sidónio, tentando, quando membro do governo, atermorizar o presidente da República para facilitar o triunfo de uma revolução de intuítos ditatoriais, fazendo a Angola viagens misteriosas, cuja explicação um dia virá à luz.

As viagens do «Xela»

Informam-nos de que, após o fiasco soemente conhecido, xefe Xavier voltaria ao Havre para trazer Paulo da Silva que ali se encontra preso e cuja extradição, ainda, não foi permitida, devido à oposição da imprensa revolucionária francesa. Parece que desta vez o xefe irá munido de papeis que da outra tanta falta lhe fizeram os transes afeitivos por que passou. Sabemos que Xavier, da primeira tentativa, não tendo conseguido trazer consigo o preso, trouxe algumas camisas de seda, agora baratas em Paris, noventa francos apanas. Se voltar com as mãos a abanar, ocupá-las há de certo com alguns pares de ceraulas...

Já é ter topete

O alto comissário de Moçambique, com uma sencerimónia que espanta, continua a enviar para o seu amigo Vieira da Rocha, ministro das Colónias, extensos radiogramas informando-o que por Lourenço Marques tudo corre à maravilha, tudo corre no melhor dos mundos. Ainda ontem, a título de informação, inserimos uma nota da Arcada, em que se referia ao estado do conflito ferroviário em termos muito lisonjeiros para Azevedo Coutinho, como se esta reles figura não tivesse no actual momento, concidido todo o desprazer da província de Moçambique. Para que o leitor avale do topo de Azevedo Coutinho, indicamos-lhe a leitura, noutro lugar, de uma informação directa de Lourenço Marques, que pulverizou todas as patranhas desse microcéfalo que quer arrasar Moçambique.

O furto das libras

Por um acordo recentemente estabelecido entre o Estado e as casas bancárias que, de mão beijada, receberam do sr. Régio Chaves 1.030.000 libras, das quais 400.000 ainda estavam por pagar, ficou assente que essas firmas pagariam o seu débito dentro de determinado prazo.

A maneira como esse pagamento se efetuaria constituiu um verdadeiro roubo

para o Estado. E mesmo assim, algumas das firmas bancárias, entre elas o célebre Banco Português e Brasileiro, ainda não pagaram um centavo.

O que vale é que governantes e banqueiros são uma família unida e solidária...



## ANGOLA E METRÓPOLE

### Subiu o pano para outro acto da grande farça

Soubemos ontem que tinha sido levantada a incomunicabilidade dos principais acusados do caso Angola e Metrópole, Alves dos Reis e José Bandeira. Não nos apresentamos a ir entrevistá-los. É certo que meia dúzia de declarações confusas, feitas de agradilho, por muito desparadas que elas fossem, e apinhadas de surpresa, provocaram grande curiosidade nos leitores. Mas a Batalha não querer ser um jornal de sensação, querer ser um jornal de verdades sólidas, indestrutíveis.

Após uma incomunicabilidade de 102 dias não há cabeça, por melhor organizada, que possa ditar declarações precisas, nem espírito, por mais forte, que não se encontre abalado.

De resto, a Batalha reconhecendo que são de grande, de excepcional valor as declarações que, após certo sossiego de espírito, aqueles presos possam fazer, não confia inteiramente nelas. Comparamos-las com as informações de outras fontes — e só quando nos convencemos de que estamos de posse da verdade, lançamo-las à público. Podem Alves dos Reis e José Bandeira vir negar a pés juntos todas as afirmações que há meses aqui vimos fazendo, que isso não nos incomodaria. Porque a Batalha, ao contrário do que tendenciosamente por aí espalharam, não é órgão do Angola e Metrópole, é portavoz da organização operária. A Batalha exprime determinados ideais, obedece a uma orientação inabalável de critica social, e tem apenas um intuito: esclarecer a verdadeira que elas dão do Angola e Metrópole, quer aos do Banco de Portugal.

Interessa-nos, sob o ponto de vista jornalístico, saber o que pensam e o que dizem José Bandeira e Alves Reis, como nos interessa saber o que pensam e o que dizem Inácio Camacho e Mota Gomes. Mas este interesse obedece sempre a um interesse superior: o apuramento da verdade.

Publicou ontem um jornal da noite, atribuindo-a a José Bandeira, uma declaração: que os vales de 104 contos assinados e redigidos por Mota Gomes são falsos. Pombos em dúvida, que José Bandeira tivesse feito tal declaração. Mas se a fez, isso não nos incomoda. A Batalha afirmou que são verdadeiros e mantém a sua afirmação. E conforme o nosso director declarou com firmeza ao juiz Alves Reis, saberá provar em pleno tribunal, e em regular processo de imprensa, o que disse e mantém.

Que nos importaria que Alves Reis e José Bandeira desmentissem a Batalha? Tais desmentidos valeriam para nós tanto como os desmentidos e as queixas das homens do Banco de Portugal.

Através de tudo e acima de todas as opiniões — ao lado da verdade e pela verdade.

Só esta atitude e esta opinião podem ser dadas dum jornal que vive do povo e para o povo. Por isso este é em nós confia e nos dá o seu apoio moral.

Estamos convencidos, entretanto, que muitas das nossas revelações serão confirmadas pelos presos, porque correspondem à verdade incontestável dos factos. E se o não forem — pouco importa, porque os nossos argumentos e os factos que apontamos são tão claros, tão simples, tão impressionantes que se tornam acessíveis aos cérebros das próprias crianças.

Cessou a incomunicabilidade dos principais acusados. O pano vai levantar-se para mais um acto da grande farça Banco de Portugal — Angola e Metrópole.

A Batalha e os leitores cá estão para aplaudir e patear, conforme o desempenho e a moral da peça.

## A INVASÃO NEGRA

### O ESTADO TEM SUBSIDIADO A CONGREGAÇÃO DE SANTAREM!

#### Revela-se a existência em Elvas dum colégio congreganista

Revelámos aos nossos leitores a existência em Portugal dum autêntico congregação, citámos os colégios que ela possuía e um dos nossos camaradas de redação foi propositalmente a Santarém para tentar a entrada nesses dois anfós de deformação moral e mental de crianças e de adolescentes. Graças a uma dissimulação, que não foi nem complicada, nem indecorosa, a sua missão foi coroada de êxito, como é do domínio dos nossos leitores. A Batalha fez tudo quanto podia para estabelecer uma forte corrente de opinião desfavorável aos crimes autênticos, às torpezas verídicas que revelou. Essa corrente de opinião existe, mas não se tem manifestado, conservando-se apática, por supor que a influência clerical não passasse dum espanhelo erguido por pessoas timoratas ou exageradas. Depois dos factos que a Batalha revelou essa apatia não tem razão para subsistir, havendo da nossa parte o direito de a classificar de címplice com a obra de desmoralização e crime que o clericalismo vem realizando no país. A nossa campanha contribuiu para salvar milhares de pessoas que viviam numa boa fé lamentável proveniente dum ignorância que já não tem razão de ser.

A verdade das nossas revelações impõe-se de tal modo que obriga as Novidades a confessarem a sua impotência, remetendo-se para um silêncio que faz espumar de indignação a malta reaccionária de vários pontos do país e principalmente de Santarém. Nesta cidade, a gente da Congregação de Nossa Senhora do Rosário de Fátima chegou, positivamente, a perder a cabeça, gritando, no meio das suas raivas incontidas, que a Batalha seria processada por difamação — ela e os informadores que a sua fantasia excitada arquitetou. Mas, não bem sabemos que tudo aquilo é poeira lançada aos olhos dos que estão amedrontados pela campanha a fim de lhes sossegar os nervos. As boas almas nada farão porque não podem provar que mentimos — e porque nós não estamos sob as garras da viscondessa de Andaluz, nem a Companhia de Jesus é ainda em Portugal suficientemente forte para nos perseguir, à luz do sol.

A Batalha, ou o sr. Cunha Leal — visto que este é pai... ou filho da Noite — tem razão nas definições, mas apenas meia razão. Ele é, de facto, o orador, o político e o homem de ação: o orador contraditório e inconsequente que com a mesma violência e entusiasmo, a mesma aspereza e brutalidade, diz hoje o que desdiz amanhã; o político venal que prega a guerra aos Bancos, para neles se anichar cômmodamente; que ataca o Norton de Matos para servir o Ultramarino; que milita hoje num partido avançado para filiar-se no dia seguinte, mais conservador; o homem de ação, de ação perniciosa para o país, militando no sionismo no tempo de Sidónio, tentando, quando membro do governo, atermorizar o presidente da República para facilitar o triunfo de uma revolução de intuítos ditatoriais, fazendo a Angola viagens misteriosas, cuja explicação um dia virá à luz.

#### O Colégio Luso-Britânico, de Elvas

Tudo o que dissemos sobre a influência religiosa em Portugal não constitui um exagero. Um novo acto a acrescentar aos crimes autênticos, às torpezas verídicas que éramos a existência em Portugal dum autêntico congregação, citámos os colégios que ela possuía e um dos nossos camaradas de redação foi propositalmente a Santarém para tentar a entrada nesses dois anfós de deformação moral e mental de crianças e de adolescentes. Graças a uma dissimulação, que não foi nem complicada, nem indecorosa, a sua missão foi coroada de êxito, como é do domínio dos nossos leitores. A Batalha fez tudo quanto podia para estabelecer uma forte corrente de opinião desfavorável aos crimes autênticos, às torpezas verídicas que revelou. Essa corrente de opinião existe, mas não se tem manifestado, conservando-se apática, por supor que a influência clerical não passasse dum espanhelo erguido por pessoas timoratas ou exageradas. Depois dos factos que a Batalha revelou essa apatia não tem razão para subsistir, havendo da nossa parte o direito de a classificar de címplice com a obra de desmoralização e crime que o clericalismo vem realizando no país. A nossa campanha contribuiu para salvar milhares de pessoas que viviam numa boa fé lamentável proveniente dum ignorância que já não tem razão de ser.

O fundador do colégio é um eclesiástico bastante conhecido dos nossos leitores: o arcebispo de Évora, inspirador supremo da Congregação de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Quem sabe até se este colégio não pertencerá à mesma congregação? Infelizmente, neste ponto, as nossas informações ainda não são bastante elucidativas. Contudo, elas ainda permitem que revelemos que no colégio de Elvas os professores são padres — padres autênticos. E ainda nos permitem alguns esclarecimentos preciosos que amanhã não deixaremos de

servir.

O Congresso rejeitou a tese da unidade e diretriz única com elementos que não ingressaram na C. G. T. reformista.

Por um acordo recentemente estabelecido entre o Estado e as casas bancárias que, de mão beijada, receberam do sr. Régio Chaves 1.030.000 libras, das quais 400.000 ainda estavam por pagar, ficou assente que essas firmas pagariam o seu débito dentro de determinado prazo.

O Congresso rejeitou a tese da unidade e diretriz única com elementos que não ingressaram na C. G. T. reformista.

O que vale é que governantes e banqueiros são uma família unida e solidária...

## A propaganda anti-fascista

### Uma interessante dissertação do professor Ladislau Batalha

Para que serve o amuleto? Simplesmente para afirmar o nosso atraço mental, para afirmar que confiamos mais nas coisas divinas do que nos grandes ensinamentos das ciências.

O professor Ladislau Batalha numa larga explanação, demonstrou em seguida ao auditório que, devido a este atraço mental dos povos, as classes dominantes usam da força para fazerem regressar os povos ao estado de servilismo.

«E a luta das classes constituídas, contra as classes que pretendem constituir-se. Proseguindo:

— Se estamos em presença desse fenômeno o que convém realizar? Abater bandeiros das nossas instituições partidárias e com verdadeira unidade de ação manter eretas todas as regalias que gerações contínuas reivindicaram

## A atitude da Câmara Sindical do Porto perante o "Bloco das esquerdas republicanas sociais"

PORTO, 18.—Um grupo de republicanos do Porto, alarmado pelos constantes atentados que os governos veem efectuando contra a Constituição, lembrou-se de organizar um bloco de resistência contra semelhantes atropelos.

As deportações, sem qualquer espécie de julgamento, dos republicanos vindos de Almada, foram a causa determinante da iniciativa da tal bloco das esquerdas.

Para que éste facto das alas extremistas fizesse a consistência, o entendimento de se havia uma reunião para a qual foram convidadas diferentes nuances partidárias, incluindo a socialista e comunista.

Nessa reunião ficou resolvido, não só trarbalhar-se para a efectivação, no dia 28, de um comício público contra as ilegalíssimas deportações levadas a cabo pela tirania republicana, mas também a formação assente do bloco, que se fica apelidando de "bloco das esquerdas republicanas e sociais".

Este bloco regional será, segundo os seus organizadores, o ponto de partida para a constituição de um bloco nacional da defesa da Carta orgânica da República e, portanto, das liberdades nela consignadas e despedadas pelos políticos que têm tido a facilidade e a felicidade de se escarrancharem nas cadeiras do poder.

Como tem acontecido com quantas frentes unidas das esquerdas políticas e sociais se têm lembrado de organizar, para o círculo regional das esquerdas republicanas e sociais, foi convidada a organização operária portuguesa, por intermédio da sua central local, a fazer-se representar — embora, prevendo-se as naturais relutâncias que pudesssem surgir, se lhe abrisse a porta dessa representação pelo convite delicado para tomar parte no projectado comício contra as deportações republicanas.

A sessão ordinária do Conselho Geral da Câmara Sindical do Trabalho, foi um delegado do aludido bloco — o sr. Belmiro Pereira. Por uma questão de condescendência, o Conselho permitiu-lhe que expusesse os fins da sua missão, e mais do bloco...

Fê-lo com elevação, demonstrando o esfarrapamento de que está sendo alvo a Constituição, a monstruosidade das deportações sem julgamento — apontando as operárias para poder aludir às de Almada —, e o perigo iminente, o tenebroso risco, da marcha reacionária, da ruídosas preparação da onda fascista... A Câmara Sindical do Trabalho, do Porto, devia, pois, não só aderir ao comício contra as deportações republicanas e a reacção fascista nascente, mas também enfileirar-se no canteiro que lhe reservava o "bloco das esquerdas republicanas e sociais".

No Conselho da Câmara Sindical ninguém podia contestar as verdades flagrantes expostas pelo delegado do bloco. Toda a gente sabe o quanto a República tem sido tiranica para o operariado, desde os primeiros meses da sua proclamação pelo povo. Toda a gente sabe o quanto ela, pela impulso epiléptico dos bandeirões que se têm apoderado das suas rédeas da governação, se refinou no despotismo e na bandalheira — no bandaleiro com os próprios reacionários. Mas toda a gente não ignora

uma grande sessão de propaganda e agitação anti-fascista.

E' de esperar grande afluência do proletariado de Lisboa a esta sessão, pois a sua presença é uma bela demonstração de que não está disposto a admitir a realização dos intentos reacionários.

### Na Associação dos Caixeiros

A direcção da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa, sem qualquer preocupação política ou ideológica, unicamente no intuito de contribuir para iludir os empregados no comércio, em especial os seus associados, sobre os objectivos do fascismo, e o seu proceder no tocante às Associações de Classe, promove hoje, pelas 21 horas, na sua sede, rua António Maria Cardoso, 20, uma conferência doutrinária sobre o assunto, sendo conferente o dr. sr. Amancio de Alpoim.

A entrada é pública.

## DESPORTOS

### Carcavelinhos Foot-Ball Club

Os sócios deste Club têm entrada no próximo domingo no Campo do Restelo, mediante apresentação do cartão de identidade e cota de Fevereiro.

Todos os indivíduos candidatos a sócios, que fizeram entrega de duas fotografias, foram aprovados na última sessão da Direcção, estando os cartões de identidade em poder do cofrador que se encontra a entidade do campo.

### Liga Portuguesa dos Amadores de Natação

A Delegação de Lisboa da Liga Portuguesa dos Amadores de Natação, realiza no próximo domingo, pelas 21,30 horas, na sede do Lisboa Gimnásio Club (Rua Francisco Lázaro) a distribuição de prémios aos vencedores das provas regionais efectuadas na passada época de Natação.

Serão distribuídas as taças: Francisco Marçal, dr. Teixeira Gomes, Almirante Brion, Alvaro de Lacerda, Comandante Joaquim Costa, Almirante Ernesto de Vasconcelos e Iacob.

### PEDESTRIANISMO

#### 8 de Setembro Foot-Ball Club

Acha-se aberta, na sua sede, travessa José Vaz de Carvalho, 41, 1., a inscrição para a prova de 10 quilómetros, inter-clubs e para corredores, não medalhados, conforme estipula o regulamento desta prova.

### TIVOLI

Tele. N. 5474

A'S 8 3/4  
MAGNÍFICO PROGRAMA  
DOIS ESPLÉNDIDOS «FILMS».

Penúltima exibição

GRIBICHÉ

Comédia em dois partes adaptada por Jacques Feyder da novela de Frédéric Bouillet

A'S 10 3/4

COUCURAS DUMA NOITE

Super-produção em sete partes com

BARBARA LA MARR

Uma panorâmica

Um «filme» de desenhos animados

Amanhã — «Matinée» às 3 horas

também que enquanto o povo trabalhador foi a principal, a única vítima das torpezas republicanas — os republicanos de todos os matizes já quiseram saber dos protestos desesperados da organização sindicalista, terrivelmente assediada pelas horas vandálicas da «ordem...» capitalista estatal...

O Conselho, pela voz de um dos seus delegados, ao recordar estes factos — partindo do assalto à Casa Sindical — não menos flagrantes, nem menos verdadeiros, estranhou que os republicanos autores do bloco das esquerdas, agora vêm apelar para o operariado, para a organização operária... Mas compreende-se: que é o representante do «bloco», na sua clara exposição, tira franqueza de afirmar que os republicanos nunca supunham que o rei lhes viesse cair na sua própria casa — portanto, que as perseguições, que as deportações, os viessem também atingir assim tão tragicamente...

E isto leva-nos a ponderar que se os republicanos numca fôssem feridos com a mais leve beliscadura, jamais se incomodariam com as tropelias exercidas contra o operariado — jamais repatriariam na farraparia constitucional, desde que essa farraparia fosse destinada a cobrir o corpo ossudo das massas produtoras organizadas...

A Câmara Sindical do Trabalho não pode, é certo, olvidar os torvos preparativos reacionários, nem descurar a sua ação tendente a opôr-lhe uma resistência. Mas como também sabe que pode muito bem agir sem desrespeitar as suas próprias características, enfocando-se a qualquer especulação bloco — ela deixou-se ficar dentro do campo, do âmbito que lhe diz respeito.

Não é a organização operária que deve, com a sua potência, com a sua moral, dar força a qualquer bloco, por muito das esquerdas políticas que é que seja. As esquerdas que, se andam de boa fé, livre de quaisquer intuições especulativas, podem, sem pretensões de procurar infiltrar-se na, extra-sindicalmente coadjuvar a organização operária, a qual já trabalha, dentro da esfera de ação que lhe é adstrita, para a condenação de todas as ditaduras... incluindo as republicanas...

Cada qual tem o seu sector na luta contra a reacção — e nem por isso a organização operária, conservando-se no seu, e independente de sugestões estranhas, deixará de se encontrar, ao lado dos republicanos «bloquistas», na barricada pró-liberdades de um povo oprimido e ludibriado.

E assim pensando, a Câmara Sindical do Porto resolveu, e muito bem, manter a sua característica autonómica, não se ligando ao referido bloco das esquerdas.

Sómente, para que amanhã se não possa politicamente especular, deliberou enviar um representante ao comício que se vai efectuar — mas sem compromissos de espécie alguma: simplesmente erguer o seu protesto veemente, não só contra as deportações dos vindos de Almada, mas também contra as deportações dos operários — contra todas as tiranias, azuis, vermelhas ou pretas...

E já é muito...

**Manifestação de operários**

BREST, 19.—A saída do arsenal, um grande número de operários reuniram-se num salão para reclamar um aumento de vinte centimos à hora e uma subvenção de 720 francos para custo da vida. Em seguida os vinte e cinco de Almada, mas também contra as deportações dos operários — contra todas as tiranias, azuis, vermelhas ou pretas...

E já é muito...

**Um comunista que não pode falar**

VARSOVIA, 19.—Ao anunciar-se uma conferência que deveria ser feita pelo sr. Bryl, deputado da extrema esquerda rural, o qual regressava da Rússia e queria expor a situação dos soviéticos, produziram-se manifestações entre partidários e adversários. A polícia interveiu, por fim, fazendo prisões. — (H.)

**Conferência socialista**

VARSOVIA, 19.—Realizou-se em Lodz uma conferência de representantes dos partidos socialista polaco e social-cívico alemão da Polónia, que discutiu as bases de uma estreita colaboração... (H.)

**Manifestação de operários**

BREST, 19.—A saída do arsenal, um grande número de operários reuniram-se num salão para reclamar um aumento de vinte centimos à hora e uma subvenção de 720 francos para custo da vida. Em seguida os vinte e cinco de Almada, mas também contra as deportações dos operários — contra todas as tiranias, azuis, vermelhas ou pretas...

E já é muito...

**Manifestação de operários**

BREST, 19.—A saída do arsenal, um grande número de operários reuniram-se num salão para reclamar um aumento de vinte centimos à hora e uma subvenção de 720 francos para custo da vida. Em seguida os vinte e cinco de Almada, mas também contra as deportações dos operários — contra todas as tiranias, azuis, vermelhas ou pretas...

E já é muito...

**Um comunista que não pode falar**

VARSOVIA, 19.—Ao anunciar-se uma conferência que deveria ser feita pelo sr. Bryl, deputado da extrema esquerda rural, o qual regressava da Rússia e queria expor a situação dos soviéticos, produziram-se manifestações entre partidários e adversários. A polícia interveiu, por fim, fazendo prisões. — (H.)

**Um comunista que não pode falar**

VARSOVIA, 19.—Ao anunciar-se uma conferência que deveria ser feita pelo sr. Bryl, deputado da extrema esquerda rural, o qual regressava da Rússia e queria expor a situação dos soviéticos, produziram-se manifestações entre partidários e adversários. A polícia interveiu, por fim, fazendo prisões. — (H.)

**Um comunista que não pode falar**

VARSOVIA, 19.—Ao anunciar-se uma conferência que deveria ser feita pelo sr. Bryl, deputado da extrema esquerda rural, o qual regressava da Rússia e queria expor a situação dos soviéticos, produziram-se manifestações entre partidários e adversários. A polícia interveiu, por fim, fazendo prisões. — (H.)

**Um comunista que não pode falar**

VARSOVIA, 19.—Ao anunciar-se uma conferência que deveria ser feita pelo sr. Bryl, deputado da extrema esquerda rural, o qual regressava da Rússia e queria expor a situação dos soviéticos, produziram-se manifestações entre partidários e adversários. A polícia interveiu, por fim, fazendo prisões. — (H.)

**Um comunista que não pode falar**

VARSOVIA, 19.—Ao anunciar-se uma conferência que deveria ser feita pelo sr. Bryl, deputado da extrema esquerda rural, o qual regressava da Rússia e queria expor a situação dos soviéticos, produziram-se manifestações entre partidários e adversários. A polícia interveiu, por fim, fazendo prisões. — (H.)

**Um comunista que não pode falar**

VARSOVIA, 19.—Ao anunciar-se uma conferência que deveria ser feita pelo sr. Bryl, deputado da extrema esquerda rural, o qual regressava da Rússia e queria expor a situação dos soviéticos, produziram-se manifestações entre partidários e adversários. A polícia interveiu, por fim, fazendo prisões. — (H.)

**Um comunista que não pode falar**

VARSOVIA, 19.—Ao anunciar-se uma conferência que deveria ser feita pelo sr. Bryl, deputado da extrema esquerda rural, o qual regressava da Rússia e queria expor a situação dos soviéticos, produziram-se manifestações entre partidários e adversários. A polícia interveiu, por fim, fazendo prisões. — (H.)

**Um comunista que não pode falar**

VARSOVIA, 19.—Ao anunciar-se uma conferência que deveria ser feita pelo sr. Bryl, deputado da extrema esquerda rural, o qual regressava da Rússia e queria expor a situação dos soviéticos, produziram-se manifestações entre partidários e adversários. A polícia interveiu, por fim, fazendo prisões. — (H.)

**Um comunista que não pode falar**

VARSOVIA, 19.—Ao anunciar-se uma conferência que deveria ser feita pelo sr. Bryl, deputado da extrema esquerda rural, o qual regressava da Rússia e queria expor a situação dos soviéticos, produziram-se manifestações entre partidários e adversários. A polícia interveiu, por fim, fazendo prisões. — (H.)

**Um comunista que não pode falar**

VARSOVIA, 19.—Ao anunciar-se uma conferência que deveria ser feita pelo sr. Bryl, deputado da extrema esquerda rural, o qual regressava da Rússia e queria expor a situação dos soviéticos, produziram-se manifestações entre partidários e adversários. A polícia interveiu, por fim, fazendo prisões. — (H.)

**Um comunista que não pode falar**

VARSOVIA, 19.—Ao anunciar-se uma conferência que deveria ser feita pelo sr. Bryl, deputado da extrema esquerda rural, o qual regressava da Rússia e queria expor a situação dos soviéticos, produziram-se manifestações entre partidários e adversários. A polícia interveiu, por fim, fazendo prisões. — (H.)

**Um comunista que não pode falar**

VARSOVIA, 19.—Ao anunciar-se uma conferência que deveria ser feita pelo sr. Bryl, deputado da extrema esquerda rural, o qual regressava da Rússia e queria expor a situação dos soviéticos, produziram-se manifestações entre partidários e adversários. A polícia interveiu, por fim, fazendo prisões. — (H.)

**Um comunista que não pode falar**

VARSOVIA, 19.—Ao anunciar-se uma conferência que deveria ser feita pelo sr. Bryl, deputado da extrema esquerda rural, o qual regressava da Rússia e queria expor a situação dos soviéticos, produziram-se manifestações entre partidários e adversários. A polícia interveiu, por fim, fazendo prisões. — (H.)

**Um comunista que não pode falar**

VARSOVIA, 19.—Ao anunciar-se uma conferência que deveria ser feita pelo sr. Bryl, deputado da extrema esquerda rural, o qual regressava da Rússia e queria expor a situação dos soviéticos, produziram-se manifestações entre partidários e adversários. A polícia interveiu, por fim, fazendo prisões. — (H.)

**Um comunista que não pode falar**

VARSOVIA, 19.—Ao anunciar-se uma conferência que deveria ser feita pelo sr. Bryl, deputado da extrema esquerda rural, o qual regressava da Rússia e queria expor a situação dos soviéticos, produziram-se manifestações entre partidários e adversários. A polícia interveiu, por fim, fazendo prisões. — (H.)

**Um comunista que não pode falar**

VARSOVIA, 19.—Ao anunciar-se uma conferência que deveria ser feita pelo sr. Bryl, deputado da extrema esquerda rural, o qual regressava da Rússia e queria expor a situação dos soviéticos, produziram-se

# 'A Batalha' na província e arredores

## Em Olhão

### A crise de trabalho agrava-se

OLHÃO, 17.—A crise de trabalho estendeu-se, parece que indefinidamente, os seus arredores.

E quanto mais horrível ela se apresenta, maior é o desrespeito dos operários pelo seu sindicato. A fome, com todo o seu cortejo de horrores e misérias, ainda mais as tem acobardado. Essa cobardia toca as raízes do impossível. Os sindicatos estão completamente esfarralhados; tudo perdido, tudo desmantelado.

Em compensação existem crianças aos bando a pedir esmola. E o borguês que conhece bem tudo isto, ri e troça das misérias dos lamentos.

Para se avaliar a que pontos vai a fome aqui, com todo o seu estendal de miséria, basta dizer apenas que há famílias que só de 48 em 48 horas comem uma sopa aguada.

Se isto assim continua os tuberculosos de futuro poderão contar-se por milhares.

Ao contrário do que os fanáticos esperavam, o mar continua a não dar peixe.

Deu-se pelo contrário um fato, que deve ter arreliado bastante as santas alminhas daqui. O armador Ramires, promotor da festa do Senhor dos Passos, foi ao mar e trouxe de menos 20 cabos de rede.

Gostaríamos de saber a que atribuem os fanáticos este insucesso. Naturalmente dirão ser obra do diabo...

E então se isto assim continua ainda havemos de ver o "homenzinho da Cruz" ser levado a passear por dentro de água.

E quem sabe talvez que para ele se não constipar lhe descalçam também as botas.

### Agressão justificada

No domingo, quase ao escurecer, deu entrada no hospital desta vila um indivíduo crivado de balas.

O seu estado era bastante melindroso, pelo que os médicos o aconselharam a seguir para Lisboa.

E pelo que apurámos a cena deu-se em Marim, e parece que o agressor procurou defender-se de um dos espâncamentos, que era hábito ser constantemente vítima do agredido. Por mais que tentasssem nada mais conseguimos apurar, a não ser que o "agressor" se serviu da pistola por estar tuberculoso, completamente desenganado dos médicos.

### Um bruto!

Antônio Maria Sena, um dos tripulantes, da draga, procurou ontem o operário Manuel Teodoro, a quem ameaçadorasmente pediu lhe indicasse quem era o correspondente de "A Batalha". Perante as ameaças a quele operário espontaneamente declarou-se.

Então o "bruto" abusando da sua superioridade física e ainda por ver que o Teodoro estava doente dum pé, impossibilitado de defender-se, tratou de agredí-lo brutalmente, pretendendo até lançá-lo à água.

Este invidioso, que foi presidente da extinta Associação Marítima, é também um partidário de "Moscovia", acrônimo, todo cheio de leis e decretos.

E não há dúvida: pela amostra temos homens.

### Silves

#### Se se tratasse de um rico...

SILVES, 18.—Na passada semana adoeceu, repentinamente, o operário João Braga Curió. Sua pobre mãe, alita, dirigiu-se ao dr. Francisco Vieira, sub-delegado da saúde, chamando a sua intervenção.

Pois éste médico, a pesar da aflição da paciente, respondeu-lhe:

— Olhe mulher: Tenha paciência. Eu vou sair. Chame outro médico!

E o desgrado operário lá ficou gerando, enquanto este médico passeava tranquilo pela cidade.

Apostamos dobrado contra singelo como se se tratasse de um rico o dr. Francisco Vieira teria outra resposta!—E.

### Viseu

#### A procissão do Senhor dos Passos

VISEU, 18.—Monárquicos e republicanos; católicos e ateus, crentes e relapsos, tudo se concertou para, a bem do progresso, da civilização e... da barbárie, se exibirem, na quadra que passa, as tradicionais procissões. E assim, no próximo domingo sairão, se não chover, a primeira a procissão chamada dos "Passos" ou dos "Judeus"...

E pena que os promotores destas tão interessantes como ridículas exibições não tivessem conseguido, como era seu desejo,

gos públicos, e todos se pronunciaram energicamente contra o sistema de empréstimos da realeza.

A dívida pública eleva-se a mais de quarenta e três milhões de francos—sendo dezenas de milhões de marcos empréstados por casas bancárias é quinze milhões por particulares; o resto eram as dotações das irmãs do rei.

A corte devia, pois, quarenta e três milhões, o que representava perto de quatro vezes os rendimentos da França, avaliados então em doze milhões de marcos.

Os Estados gerais recusaram-se a votar novos subsídios antes de conhecerem a opinião dos seus constituintes, e para isso tiveram que voltar às respectivas províncias. Os estados provinciais reuniram-se a 20 de março do ano seguinte. Cada uma das treze províncias de França elegeu um padre, um nobre e um burguês; de modo que, em agosto, trinta e nove deputados se reuniram em Pontoise. Só os seculares assistiam às sessões. Os eclesiásticos vão à conferência de Poissy, convocada por conselho do chanceler, para ver se as duas religiões podiam, por meio de concessões recíprocas, chegar a um acordo que puzesse termo às guerras civis, que por tantos anos tinham assolado o país.

Mas os delegados do clero, quase todos aliados dos jesuítas, rejeitaram todas as propostas de conciliação. Os treze nobres concordaram com os treze burgueses sobre os meios de opor um dique aos esbanjamentos da realeza.

Dois séculos antes, já Estevão Marcel dizia ao nosso avô Mahiet, o advogado de armas:

— Agora posso morrer descansado, porque já lanci à terra a semente cujos frutos os vindouros não de colher mais tarde. Nada de desâimo, que o progresso é certo, mas lento e laborioso. Na marcha da humanidade os séculos valem apenas como horas.

No dia seguinte àquele em que pronunciava estas palavras proféticas, o preboste dos mercadores morria a mios dos seus inimigos encarniçados.

Povo inconstante e ingrato, pela sua ignorância!

## Em defesa dumha indústria ameaçada por meia dúzia de ambiciosos

GOÑCALO, 18.—A convite da Associação de Classe dos Operários Cesteiros de Goñcalo reuniram-se em assemblea magna todos os operários cesteiros para apreciar as origens da crise na indústria.

Aberta a sessão às 15 horas, presidiu José Luís Soares, secretariado por Antônio Rodrigues, foram largamente expostos pelo presidente os fins da reunião.

Depois de usarem da palavra vários cestários condenando a forma ignobil como os arrematantes exploram os reclusos nas oficinas de cestos das prisões e os prejuízos que advêm para a classe da continuação dos mesmos, Antônio Rodrigues envia para a mesa a seguinte moção que é aprovada por unanimidade:

— Considerando que a crise de trabalho que actualmente lava na indústria de cestaria é originada única e simplesmente pela má organização das oficinas de cestos das prisões;

Considerando que se urgentes medidas não forem tomadas por quem de direito, a classe de operários cesteiros tem os seus dias contados o que não ultrapassará dois anos;

Considerando que não é justo nem humano que se lancem na miséria algumas centenas de famílias em benefício único e exclusivamente de alguns arrematantes sem escrúpulos;

Considerando que a F.N. dos Operários da Indústria Mobiliária num bem redigida representação, já fez sentir ao ministro da Justiça o quanto de prejudicial se torna para a indústria particular a má organização das oficinas de cestos nas prisões e qual a forma como estas deviam funcionar, o que foi ratificado por esta Associação com a assinatura da maior parte dos cesteiros do país; a Associação de Classe dos Operários Cesteiros de Goñcalo, reunida em assemblea magna, resolve:

— Fazer interessar o povo de Goñcalo neste assunto visto que não é só a classe prejudicada, mas o povo em geral e que este é perante a Junta de Freguesia protestar para que esta se interesse também;

— Fazer uma representação à Câmara do Concelho da Guarda fazendo sentir as origens da crise, o mal que desta pode advir tanto para a Freguesia como para a mesma Câmara.

— nomear uma comissão para entrevistar o governador civil para que este interceda junto dos Poderes Constituídos a fim de uma solução.

— reclamar do ministro da justiça a abolição imediata dos arrematantes das oficinas de cestos nas oficinas de cestos das prisões.

Antes de encerrar a sessão foi nomeada uma Comissão Pró-Defesa da Classe sendo no final aprovada uma calorosa saudação à Batalha pela passagem do 7.º aniversário.

### Ainda o aniversário de "A Batalha"

O Proletário, órgão das classes operárias do Funchal, no número de 6 de Março, refere-se ao aniversário de "A Batalha" nos seguintes termos:

— Felicitamos "A Batalha", o melhor jornal português, pelos sete anos de existência; e fazemo-lo com grande vontade por saber que a este incansável lutador se deve a melhor moralização dos costumes das nossas terras.

Que a sua vida se prolongue por muitos anos e possa proseguir sempre na campanha de saneamento moral sem esmorecimentos, é o nosso desejo.

Os nossos agradecimentos.

— Olhe mulher: Tenha paciência. Eu vou sair. Chame outro médico!

E o desgrado operário lá ficou gerando, enquanto este médico passeava tranquilo pela cidade.

Apostamos dobrado contra singelo como se se tratasse de um rico o dr. Francisco Vieira teria outra resposta!—E.

## AGENDA

### CALENDARIO DE MARÇO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	5	12	19	26	Aparece às 6,41
S.	6	13	20	27	Desaparece às 18,48
D.	7	14	21	28	FASES DA LUA
S.	8	15	22	29	1º G. das aparições
T.	9	16	23	30	Q.M. 27-3-1926
F.	10	17	24	31	L.N. 24-3-1926

### MARES DE HOJE

Praia mar às 7,13 e às 7,38

Baixamar às 0,20 e às 0,43

### CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94\$75	94\$75
Madrid cheque	2576	
Paris, cheque...	570	
Suíça, ...	3376,5	
Bruxelas cheque	880	
New-York, ...	1955	
Amsterdão, ...	7584	
Itália, cheque ...	78,5	
Brasil, ...	2885	
Praga, ...	58,5	
Suécia, cheque	524	
Austria, cheque	2576	
Berlim, ...	4560	

### ESPECTACULOS

#### TEATROS

São Luís—A's 21—Coq d'or—Concerto.
Nacional—As 21,30—O Amer Vence.
Gimnasio—A's 21,30—Branca à glória.
Dolcevita—A's 21,30—O Segredo do Polichinelo.
Ipolo—A's 21,30—O Conde de Monte Cristo.
Roendo—A's 21,30—O Pão de Ló.
Maria Vitoria—A's 21,30—Foot-Ball.
Salão Foz—A's 21,30—Variedades
Colégio—A's 21—Grandes companhias de circo.
Joaquim de Almeida—Aniquilatório.
Cinema C. V. (A Graca)—Espectáculos às 3,30, sábados e domingos com matinée.

Brasileiro—Todas as noites: Concertos e diversões.

### CINEMAS

Tivoli—Olimpia—Central—Condes—Chiado Terreiro—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança
Torreiro—Cine Paris.

UNIÃO

MARCAS REGISTADAS

UNião Tome Peiteira, Ltda., rivalizando empresas e qualidade com as melhores da Europa.

Experimentem, pois, as nossas linhas que a encontram a venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens do país.

Pedras Metal Auer

para isqueiros, assim como rodas e moedas, vendem-se no

Lata, do Conde Barão

Uma dúzia, \$40; 1 cento, 280; mil, 2500

Largo do Conde Barão, 55

Edições de "A Sementeira"

# A BATALHA

EM LOURENÇO MARQUES

Todos os operários conscientes devem assistir às sessões de propaganda anti-fascista



## Prossegue a greve heroica dos ferroviários que continuam sendo alvo de todas as perseguições e violências ordenadas pelo Alto Comissário

Lourenço Marques, 20 de Fevereiro

O Partido Republicano Democrático, feio de um ultra-reacionarismo de roupas, tem mantido o país sob a sua pata opressora.

Um dos representantes desse partido é sem dúvida o sr. Azevedo Coutinho, que por infelicidade desse povo veio para Lourenço Marques com o único fim de enriquecer a custa do pomposo título de Alto Comissário, lugar que lhe foi indicado, pela seita tenebrosa, e defendido no Senado, por uma meia dúzia de amigos e componentes desse partido de reacção.

Que ele não tinha dotes que o recomendasse para tal lugar, sabiam-no os que criminosamente o nomearam mas porque lhe houvesse sido feita a promessa ou ainda porque se quisessem ver ai livres deles, para aqui embarcou e cés a tem conservado, a despeito de todas as reclamações da população que está farta de reclamar o seu regresso e de lhe pedir que se afaste, para salvação desta província.

Como a vergonha é um predicado raro entre os políticos, o sr. Azevedo Coutinho vai sofrer os ataques da população, que chegou ao ponto de o vair na rua quando ele passava de automóvel com a esposa.

Um homem digno, na presença destes cacos, não se conservaria mais um dia fosse em que lugar fosse, mas como questão que interessa ao Alto Comissário é simplesmente a sede do dinheiro, vai suportando todos estes vexames, oferecendo face para receber segundo castigo. Porém a vingança do sr. Azevedo Coutinho faz-se sentir contra os ferroviários, permitindo que contra eles sejam exercidos actos de força e se lhes atira a fogo como a qualquer fera.

Contra a população, não pode ele mandar atirar a fogo mas vai-se aproveitando da greve ferroviária, para prender uma ou outra pessoa como medida de represália. Que esta situação se vem arrastando desde 11 de Novembro de 1925, sabe-o a metrópole, que sendo governada pelo sr. António Maria da Silva, que nós consideramos do mesmo quilate, não se importa com as ilegalidades praticadas por um dos marcheias do seu partido.

Há três meses e meio, que a greve ferroviária se manteve no mesmo pé sem que o governo tenha conseguido fazer entregar os grevistas.

Podia a classe ferroviária ser considerada vencida?

Estou que vencido foi o governo pela sua falta de conhecimentos em remediar quanto possível o que era possível remediar.

A província ficou abalada de morte e, supondo que a greve se perca, já não os ferroviários conseguirão pôr o serviço em dia, devido às medidas de força usadas contra eles, e à maneira desumana como trataram as suas esposas e filhos e aproveitando-se da sua situação de presos.

Note-se que apresento a hipótese dos ferroviários perderem, porque até à hora em que escrevo continuam com a mesma fé ardente de ganharem e com aquele sorriso de martires que estão dispostos a todas as torturas.

A falta de senso administrativo e de conhecimentos, colocaram o Alto Comissário na dependência do Secretário do Interior e do Comissário de Polícia que, aliados aos reacionários Avelar Ruas, Oliveira Cabral e Craveiro Lopes, estabeleceram planos de jugular a greve sem entender a razão das consequências desastrosas que podem advir para a província derrotando os grevistas infamemente. Ultimamente disseram que estavam em negociações mas o governo, que de vez nenhuma tratou com os grevistas a sério, teima em apresentar pontos inaceitáveis, só para a greve se prolongue.

Que esta atitude é criminosa, sabem-no também os grandes coloniais que se encontram e que conhecem o valor de uma paralisação de serviços ferroviários pelo espaço de três meses e meio e como a solução do conflito esteja na dependência do ministro das Colónias e do presidente do Ministério que são aliados desta inteligente criatura, assim vão arrastando o conflito, sem ao menos haver pela parte de metrópole um protesto energético contra as falsidades contidas nos telegramas do sr. Azevedo Coutinho.

O sr. Azevedo Coutinho, para se livrar das responsabilidades que lhe possam ser pedidas através do parlamento, tem ido ao descaremento de informar erradamente o ministro das Colónias dos casos que aqui se têm passado, e segundo nos consta, os telegramas que são daqui enviados para Lisboa destinados a todas as entidades, são afi-interceptados para que não se saiba o que por aqui se está passando.

Não teria sido de uma grande utilidade, evitá-lo desencadear de violências que motivaram acessos protestos da população, e atender enquanto era tempo a reclamações dos ferroviários que pediram para que a Reorganização não fosse posta em execução sem que a classe se pronunciasse?

O ódio vespertino dos reacionários Ruas e Cabral (a República deu em confiar os lugares de administração a qualquer monárquico, sem atender os efeitos dessa nefasta atitude) às classes produtoras, gerou aquele trabalho de supressão de direitos, como uma declaração de guerra, e com o apoio da força para o fazer aceitar. Sem que estivessem assegurados dos benefícios para a comunidade dessa reorganização, as autoridades superiores colocaram-se num campo de irreductibilidade decretando a doida desmissões de todo o pessoal, até do que tem 26 anos de casa!

Veja-se o direito que tem um Azevedo Coutinho ou um reles escriba de gazetas, que é o tal Bartolomeu Severino, que viera para as Colónias usufruir um ordenado que vai de 50 contos a 18 mil escudos (sem atestados dos actos que os possam recomendar como colonizadores) a demitem um claque de laboriosa que está por aqui desde 1880!

Calcule-se o direito destes pigmeus — um veiu cá há vinte anos numa estação, e o outro fez a vida a escrever artigos sem uma ideia que não fosse o sentir-se a

mesa do orçamento — a decretar medidas de força contra uma população que elevou Lourenço Marques ao nível em que se encontra, cheia de edifícios e redes ferroviárias, com um cais soberbo e invejado por todos.

E não sentem estes reles coloniais, o rubor nas faces quando vêem que nada tendo produzido dentro da Província, senão o esbanjamento em passeios e festanças, se arvoram no direito de perseguir os que representam a comunidade que lhes paga tão generosamente?

O que está visto, é que se a Metrópole entender que amanhã nos há de enviar o «Ai-ó-Linda», por qualquer acto heróico que tenha ali praticado em favor do partido a Colónia o tem de receber com todas as pompas de governante, e entrar no sacrifício de lhe pagar este invejável ordenado. Pelo desrespeito demonstrado pela pasta das Colónias aos pedidos e reclamações de cá, não temos que estranhar esse simples incidente que marcará como a nomeação do «Pintor» para um lugar na Madeira. A questão é que o «Ai-ó-Linda» se filie... e se meta a escrever artigos sobre as Colónias como o fez o sr. Custódio de Mendonça que por tal facto abriu o lugar de governador de Moçambique...

Isto é tudo assim!

Tirando meia dúzia de coloniais que estavam a reformados, o resto não conhece isto senão para anicharem afiliados ou para cassarem o voto aos papalivos.

Os graves conflitos nas Colónias, dão-se pelo facto de nomearem para elas indivíduos que imaginam vir governar escravos.

A psicologia dos habitantes de Lourenço Marques tem o seu quê de interesse e digno de estudo, porque, longe de pertencer a partidos políticos, tem uma política que não tem centros nem clubes. O interesse que todos têm desenvolvimento da colónia, justifica o rancor por todos os maus administradores. E a não ser assim, como se explicaria que uma greve (um movimento com o qual os conservadores não podem encarar) esteja a ser subiada por todos os componentes da colónia?

E que a população de Lourenço Marques tem um grande cunho de justiça, e conhecendo que o ataque aos direitos dos trabalhadores, é um ataque à sua própria liberdade, trata de se pôr imediatamente do lado do fraco, contra o forte.

Em Portugal, haveria da parte dos senhores o gesto dos daqui?

Vai para 4 meses que muitos grevistas não pagam casa, pois tirando um ou outro «Azevedista» todos se têm conformado com a sorte de esperar para quando a greve termine.

Medite-se nisto!

Com o comércio sucede o mesmo, havendo também quem deixa os 5 e 6 meses, e no entanto não lhe recusam o fornecimento!

E foi, sem terem elaborado um estudo da psicologia desse povo, que o Alto Comissário e Secretário do Interior se dispuseram a vencer a heróica greve aos quinze dias!

Como a não poderam vencer, deixaram que isto se arrastasse, pois na queda perderiam ir elas, mas a província não ficaria malhor.

A população de Moçambique demonstrou ao senhor Alto Comissário, que se não governa contra sua vontade e se não esmagam cobardemente umas centenas de trabalhadores; e o senhor Alto Comissário entende que é de fazer pagar caro a audácia, provocando com o prolongar da greve a ruina do nosso admirável pôrto.

De facto é pagar bem caro, e que os patriotas ponham os olhos na administração destes vândalos e se glorifiquem em continuar a mandar para as colónias governantes sem que a população se tenha pronunciado primeiramente.

Os srs. governantes daí que vão aos arquivos rebuscar os protestos da população a quando da nomeação desse zero para Alto Comissário dessa província.

O sr. Azevedo Coutinho vai para Portugal com a sua folha limpa de serviços que por cá tenha prestado, e manchada com sangue das vítimas que causou enquanto durou o seu reinado de terror.

Pior que qualquer chefe de tribu, ele autorizou tódas as medidas de violência, sem necessitar de suspender as garantias, para que desse aos olhos da Metrópole a impressão de que tudo isto era um mar de rosas.

A população de Moçambique está decidida a exigir da Metrópole um tratamento mais condigno, ou mandar a Metrópole para as mãos do sr. António Maria.

Anteontem prenderam mais 30 grevistas e deram três dias de prazo para as famílias dos ferroviários que habitam casas do Estado a abandonarem.

Continuam as buscas domiciliárias e os assaltos, a procura da máquina onde é impresso o suplemento da greve.

Então esse sr. ministro das Colónias (por obra e graça de meia dúzia de políticos que aqui há não informou o Parlamento que tinha tudo terminado há cerca de dois meses?)

Como descalça o sr. ministro a botas-sinhá?

E como é que justificam aquele desmentido para Londres do emprego da tropa negra, se duas das vítimas desses irresponsáveis são uma senhora e um homem de nacionalidade britânica?

E depois de verem o vagão fantasma cuja fotografia envie para a Renovação e onde se destacam os soldados pretos, ainda se poderá desmentir para Londres? Simplesmente patifes todos estes políticos! — C.

### Uma "tarde de lettras"

Promovida pela Associação Académica da Faculdade de Letras de Lisboa realizou-se hoje, pelas 16 horas, na sede da Faculdade, uma "tarde de lettras".

## CONTRA O FASCISMO

### A jornada de hoje

Na Associação dos Descarregadores de Mar e Terra: conferência pelo dr. Sobral de Campos.

No Sindicato dos Arsenalistas de Marinha: conferência pelo Joaquim Domingues

Na Associação dos Caixeiros: conferência pelo dr. Amâncio de Alpoim.

No Sindicato dos Ferroviários do Sul e Sueste (Barreiro): sessão em que falam: Manuel Joaquim de Sousa, David Ferreira, Santos Ferro e os drs. Câmara Reis e Rodrigues Miguéis.

A grande comissão de propaganda anti-fascista, que tem visto coroada do maior êxito a campanha contra o Fascismo e seus sectários, leva hoje a efecto mais três manifestações de repulsa para com os dementados propósitos dos que pretendem transplantar a Portugal processos de governo e de opressão incompatíveis com o sentimento e as tradições livres do povo português, manifestações em que a alma deste povo continuará vibrando de indignação bem justificada.

Na Associação dos Descarregadores de Mar e Terra, Calçada do Castelo Branco Saraiva, 4, 1.º, faz uma conferência o dr. Sobral de Campos.

No Sindicato dos Arsenalistas de Marinha, Calçada da Graça, 12, 1.º, conferência pelo Joaquim Domingues.

Na Associação dos Caixeiros, Rua António Maria Car dos, 20, 1.º, conferência pelo dr. Amâncio de Alpoim.

No Sindicato do Pessoal Ferroviário do Sul e Sueste, Casa dos Ferroviários (Barreiro), sessão de propaganda anti-fascista em que falam os srs. dr. Câmara Reis, dr. Rodrigues Miguéis, Manuel Joaquim de Sousa, David Ferreira, Santos Ferro e José Francisco Teixeira.

As conferências e sessões anti-fascistas começam às 21 horas, sendo a entrada franca.

## Na Tinturaria Portugália

## SOLIDARIEDADE

Récita de homenagem aos deportados de Lourenço Marques

Promovida pelo Grupo Dramático Solidariedade Operária e uma comissão de ferroviários, em homenagem aos ferroviários deportados para a Metrópole pelo Alto Comissário de Moçambique, realiza-se no próximo dia 3 de Abril, pelas 21,30, uma grande récita no Salão de Festas da Construção Civil, abrindo o espectáculo com uma palestra pelo nosso camarada Nogueira de Brito, seguindo-se a representação do drama em 3 actos, da autoria do camarada ferroviário Jorge Teixeira, «Gatuno de Luva Branca» e a engracada comédia «O comissário é uma joia».

Os bilhetes para esta festa, encontram-se à venda na sede do Grupo Dramático, Calçada do Combro, 38-A, 2.º, e na Federação Ferroviária, Largo de S. Domingos, 11-J-2.

Já teve alta do hospital da S. José, onde se encontrou reido durante algum tempo, para sofrer uma operação ao estômago, o deportado de Lourenço Marques, Júlio de Sousa e Silva, que se encontra muito melhor e em convalescência.

Adelino Ladeira

Promovida por uma comissão de sócios da Secção da Construção Civil do Alto de Pina realiza-se hoje, pelas 20 horas, no Salão de Festas da Construção Civil, uma festa a favor de Adelino Ladeira, com o seu programa:

Canto denominado «Mau Filho», de Adriano dos Reis; «Futebol Político», entre-acto social, do mesmo autor; «As Verdades», episódio social, de Francisco dos Santos; «Legionários da Alta Finança», de Adriano dos Reis; terceiro social científico «Arte, Cinismo e Humanidade», de F. Brito.

Abrilhanta esta festa um escolhido grupo de cultivadores da Canção Nacional. Brilhante programa musical a cargo da troupe de bandolinistas «Familiar Draense».

Subirá à cena o drama em 1 acto «Ladrão de Casas» e a opéra «Canto Celestial», seguindo-se baile com tango a prémio, o qual será abrilhantado pela pianista D. Elvira Ferreira.

Alem do grupo promotor, tomará parte nessa simpática festa o grupo dramático de Março e a actriz Irene Martins.

Pró-Manuel Carvalho

A comissão pede às pessoas que se inclinam da passagem de bilhetes a fineza de virem liquidá-los hoje, a fim de não dificultarem o trabalho da comissão.

Enquanto em Portugal...

HAIA, 19.—A segunda câmara rejeitou hoje por 48 votos contra 41 o crédito destinado a manter a legação do Vaticano.

A CRISE DE HABITAÇÃO

### A GRANDE REUNIÃO DE AMANHÃ

Realiza-se amanhã, pelas 14 horas, na Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa, avenida da Liberdade, 35, 1.º, uma grande reunião de delegados das classes interessadas na solução do magnó problema: crise de habitação.

## A PENITENCIARIA DE COIMBRA

A sorte dos arrematantes merece mais o cuidado do director do que a miséria dos operários da indústria do mobiliário

A questão das oficinas de mobiliário da Penitenciária de Coimbra parece eternizar-se. Pela Federação da respectiva indústria foi entregue o mês passado, ao ministro da justiça uma representação sobre o assunto, na qual era claramente posta a situação afeita dos operários da indústria particular que além de já afectados pela crise que vem lavrando viram a sua situação mais agravada pela abundante produção das oficinas da Penitenciária.

A representação em questão baixou à Inspeção das Prisões para informar, a qual por seu turno a enviou para o mesmo efeito para o director da Penitenciária.

Parce a primeira vista que está bem assim. Tal não sucede porém como vamos demonstrar. Já na dita representação se dizia (e aqui o motivo da nossa admiração) que os arrematantes das oficinas de mobiliário eram favorecidos pelo director, e informações colhidas na origem habilitam-nos a dizer o seguinte:

A Penitenciária de Coimbra era, até 1924, para reclusos condenados a prisão correcional, passando depois, segundo diz o director, por influências dele, a receber unicamente condenados a pena maior.

Antes, porém, desse sistema, isto é, antes de 924 já os actuais arrematantes das oficinas de mobiliário se tinham instalado na Penitenciária com um contrato que terminava nesse ano, data em que as oficinas deviam ser postas em praça para arrematamento, o que não se fez. E não se fez porque o director, muito cônscio da situação financeira dos arrematantes, muito desinteressadamente informou o respectivo ministro que era justo renovar o contrato aos arrematantes, conforme eles, não sabemos se por sua indicação, tinham requerido.